

O PROCESSO DE DESUMANIZAÇÃO CONTEMPORÂNEO E SUA RELAÇÃO COM A HIPERINDIVIDUALIZAÇÃO

EL PROCESO DE DESHUMANIZACIÓN CONTEMPORÁNEO Y SU RELACIÓN CON LA HIPERINDIVIDUALIZACIÓN

THE CONTEMPORARY DEHUMANIZATION PROCESS AND ITS RELATIONSHIP WITH HYPERINDIVIDUALIZATION

Talic Jaber SLEMAN¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo estabelecer um paralelo entre o processo de hiperindividualização da sociedade capitalista contemporânea e a desumanização do outro, sendo este representado pela figura do imigrante, do estrangeiro ou do diferente. Marcado pelos interesses particulares e por um concorrencialismo desmedido, esse processo instiga os indivíduos a desumanizarem uns aos outros, devido aos seus medos e inseguranças, seus objetivos são aqueles de cunho essencialmente particular, sem compromisso com a sociedade e com o público, acarretando a construção do outro como concorrente e potencialmente inimigo. Todo esse processo transforma o espaço social em “ilhas” isoladas de forma voluntária e involuntária, onde o primeiro diz respeito ao indivíduo atomizado e o segundo, ao indivíduo desumanizado.

PALAVRAS-CHAVE: Hiperindividualismo. Interesse particular. Desumanização. Sociedade contemporânea.

RESUMEN: Este trabajo pretende establecer un paralelismo entre el proceso de hiperindividualización de la sociedad capitalista contemporánea y la deshumanización del otro, que está representado por la figura del inmigrante, el extranjero o el diferente. Marcado por intereses privados y competitividad desenfrenada, este proceso incita a los individuos a deshumanizarse entre sí, por sus miedos e inseguridades, sus objetivos son los de carácter esencialmente privado, sin compromiso con la sociedad y el público, lo que lleva a la construcción del otro como competidor y potencialmente enemigo. Todo este proceso transforma el espacio social en “islas” aisladas voluntaria e involuntariamente, donde la primera concierne al individuo atomizado y la segunda, al individuo deshumanizado.

PALABRAS CLAVE: Hiperindividualismo. Interese privado. Deshumanización. Sociedad contemporânea.

ABSTRACT: This work aims to establish a parallel between the hyper individualization process of the contemporary society and the dehumanization of the other, which is represented by the figure of the immigrant, the foreigner or the different. Marked by private interests and unrestrained competition, this process instigates individuals to dehumanize the other due to

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara – SP – Brasil. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8780-990X>. E-mail: talic.jaber@unesp.br

their own fears and insecurities, their goals are essentially private, without commitment to society and the public, leading to the construction of the other as a competitor and potentially enemy. This entire process transforms the social space into a series of isolated islands in a voluntary and involuntary way, where the first concerns the atomized individual and the second, the dehumanized individual.

KEYWORDS: *Hyper individualism. Particular interest. Dehumanization. Contemporary society.*

Introdução

Com a queda do Muro de Berlim e, posteriormente, o fim da URSS, as sociedades capitalistas contemporâneas foram tomadas por uma nova racionalidade voltada estritamente para o econômico, para o particular, para o livre mercado e para a satisfação pessoal. Era a representação da vitória capitalista sobre as formas de vida e de convivência social. A racionalização econômica da vida, junto da liberdade individual propagada por essa nova dinâmica, instigou os indivíduos a buscarem maior obtenção de riquezas, de progresso e de realização pessoal, mas também gerou medos, inseguranças e incertezas devido às instabilidades e constantes crises sistêmicas derivadas da globalização e também pelo processo de imigração.

Os objetivos traçados por essa racionalidade implicam na realização pessoal, na maximização da vida e na competição generalizada. O econômico tendo dominado a maioria, se não todas as esferas da vida, acarretou a transformação do indivíduo em uma empresa de si mesmo, que bastando a não interferência de agentes externos, tais como o Estado, teria seu sucesso garantido. A autoconfiança gerou um indivíduo que se sentia capaz de ser aquilo que desejasse. No entanto, a desindustrialização, a precariedade gerada no mundo do trabalho e a flexibilização das leis trabalhistas fizeram com que surgisse nesse indivíduo, uma série de incertezas de seu futuro que não é mais seguro, não é planejável, é incerto.

Há com esse processo, a culpabilização do outro por suas aflições. Entretanto, esse outro não é configurado com base na dominação econômica capitalista, isto é, não são as elites detentoras do grande capital, as culpadas pelo futuro incerto desse indivíduo, mas os imigrantes, os estrangeiros e os cidadãos de segunda classe. São aqueles que estão à margem do tecido social e que também sofrem as consequências desse processo de deslocamento do público para o privado, da racionalização econômica da vida, da flexibilização das leis trabalhistas e da globalização.

O interesse particular, que agora se tornou uma das normas sociais, estabeleceu vínculos precários entre os indivíduos. Se antes faziam parte de uma mesma comunidade política e dividiam seus deveres, agora se tornaram concorrentes na disputa pela sobrevivência. Quando há frustração nessa concorrência hiper estimulada, e isso não é raro devido a fatores diversos como a desindustrialização, a culpabilização do outro também se torna norma. Ora são os imigrantes que saem de seu território para tomar os empregos dos autóctones, ora são os marginalizados que reivindicam salários igualitários aos dos demais.

Isso tudo torna o processo de desumanização interligado ao hiperindividualismo, que não corresponde mais ao individualismo da primeira modernidade, mas a uma configuração social que estimula a concorrência, a liberdade, o não reconhecimento do público e de suas instituições políticas. É uma conduta que se orienta inteiramente pelo interesse particular e pela satisfação pessoal, que quando não alcançadas, desencadeiam o processo de retirada da humanidade do outro, que o animaliza, criminaliza e o violenta, propiciando uma sociedade dividida a partir de espaços físicos baseados em diferenças.

Esses “guetos” são consequência direta do processo de hiperindividualização e de desumanização. O primeiro gera o indivíduo inseguro, incerto de seu futuro que, observando as mudanças sociais, não consegue dar sentido a sua vida e se isola do corpo social por medo. A desumanização ocorre na medida em que os guetos proporcionam a segregação do diferente, algo que é observado nas grandes cidades globais e reflete parte da constituição da sociedade moderna. O medo e a insegurança que criam tanto o isolamento voluntário, como o involuntário, são os objetos de reflexão deste trabalho.

O hiperindividualismo e o processo de desumanização

Para a compreensão do fenômeno do hiperindividualismo, a mudança estrutural da sociedade capitalista é substancialmente importante. É com o fim da era bipolar entre comunismo e capitalismo, que a sociedade contemporânea neoliberal e a nova racionalidade do mundo (DARDOT; LAVAL, 2016) se tornam hegemônicas. Apesar de maior expressão nesse período, é na década de 1970, com a falência do Estado de bem-estar social, que essa nova racionalidade começa a se desenhar. Os governos de Margaret Thatcher na Inglaterra e de Ronald Reagan nos Estados Unidos já salientavam as virtudes do indivíduo isolado do corpo social, da atenção a vida privada em detrimento da vida pública e da busca pela satisfação pessoal sem intervencionismos ou restrições.

É essa mudança na valorização do indivíduo sobre a coletividade que estabelece novos laços sociais e desempenha o sentimento negativo de inadequação, insegurança e fragilidade desse mesmo indivíduo. A exacerbação da vida privada propagada por esse movimento na busca de novos arranjos para uma sociedade inadimplente e possuidora de altos índices de desemprego na década de 1970, concretizou a dinâmica social do indivíduo sem compromissos sociais e não detentor de escrúpulos na busca de sucesso. Todavia, é esse mesmo movimento que reproduz a geometria política do indivíduo que é livre, ao mesmo tempo que se torna precário e passa por um processo de desenraizamento.

Tal desenraizamento não pode ser entendido pelo abandono de antigos valores e tradições, pois os mesmos estão presentes nos discursos desumanizantes, mas sim pelo processo de não identificação com o coletivo e com uma sociedade que outrora era vista como uma rede de proteção. O indivíduo não mais se move na busca por um futuro certo, ele é orientado pelo presente e pela aceleração social (ROSA, 2019). Seja pelos direitos trabalhistas assegurados, pelo pleno emprego ou ainda pelo assistencialismo e medidas de seguridade social para com aqueles que não possuíam boa condição de vida, era a sociedade e o Estado que cooperavam para que todos fossem cidadãos.

Portanto, é a ofensiva do neoliberalismo sobre o Estado de bem-estar social que causa o desenraizamento do indivíduo, na medida em que se estabelece como hegemônico e permite a criação de uma nova era baseada na liberdade negativa (BERLIN, 1958). Fundamentada no direito privado, a liberdade negativa se manifesta na passagem do universal para o particular, do público para o privado e do *nós* para o *eu*. É também no indivíduo soberano que ela se manifesta, em sua maximização e liberdade ilimitada, assim como na crença de que tudo é possível, desde que se empenhe e não seja restringindo pela coletividade ou pelo Estado. Essa passagem de era delega ao *público* a razão da não satisfação pessoal dos indivíduos.

A crença nas infinitas possibilidades geradas com o fim do sistema de proteção social transforma o indivíduo em uma espécie de empresa. Sua tendência agora é a maximização dos lucros, das satisfações pessoais e na competição com outros *indivíduos-empresas*. A dinâmica não se distingue da competição do mercado entre empresas rivais que oferecem os mesmos produtos. Parâmetros de avaliação através de *benchmarks* revelam que a competição entre os indivíduos é medida de acordo com seus resultados obtidos e aqueles que tiverem menos rendimento serão demitidos. A competição integra também a subjetividade. O desejo de maximização ao infinito parte dessa premissa. Ser o melhor, o mais rápido, o mais completo que puder e medir isso a partir do desempenho do outro.

Devido a esse processo, a desconfiança pelo outro tende a aumentar. O cidadão com quem outrora houve relações cidadãs e consensuais é agora um concorrente em potencial, um indivíduo que deseja conquistar seu espaço e que, por essa razão, também tende a maximizar-se. A insegurança aumenta e com isso traz o declínio da solidariedade. Essa combinação de insegurança e desconfiança pelo outro gera consequências desastrosas, na medida em que não são todos que poderão atingir esse aprimoramento obrigatório para conquistar seu espaço na sociedade. A consequência é um medo constante do outro e de não se adequar aos novos padrões, que por sua vez, desenvolvem doenças psicológicas nos indivíduos, tais como a Depressão e a Síndrome de Burnout.

Poderíamos dizer que a insegurança moderna, em suas várias manifestações, é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos. Suspeitamos dos outros e de suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não conseguimos fazê-lo) na constância e na regularidade da solidariedade humana. Castel atribui a culpa por esse estado de coisas ao individualismo moderno. Segundo ele, a sociedade moderna – substituindo as comunidades solidamente unidas e as corporações (que outrora definiam as regras de proteção e controlavam a aplicação dessas regras) pelo dever individual de cuidar de si próprio e de fazer por si mesmo – foi construída sobre a areia movediça da contingência: a insegurança e a idéia de que o perigo está em toda parte são inerentes a essa sociedade.

Como nas outras transformações da Era Moderna, também nesta a Europa desempenhou o papel precursor. Foi a primeira a ter de enfrentar as imprevistas e perniciosas consequências regulares da mudança: a estressante sensação de insegurança que, como se dizia, não teria existido sem a ocorrência simultânea de duas “reviravoltas” que se manifestaram na Europa – para em seguida se disseminar, mais ou menos rapidamente, pelos outros lugares do planeta. A primeira, sempre segundo a terminologia de Castel, consiste na “supervalorização” (survalorisation 4) do indivíduo, liberado das restrições impostas pela densa rede de vínculos sociais. A segunda, que vem logo depois da primeira, consiste na fragilidade e vulnerabilidade sem precedentes desse mesmo indivíduo, agora desprovido da proteção que os antigos vínculos lhe garantiam.

Se a primeira revelou aos indivíduos a estimulante e sedutora existência de grandes espaços nos quais implementar a construção e o aprimoramento de si mesmo, a segunda tornou a primeira inacessível para a maior parte dos indivíduos. O resultado da ação combinada dessas duas novas tendências foi como aplicar o sal do sentimento de culpa sobre a ferida da impotência, infeccionando-a. Derivou disso uma doença que poderíamos chamar de medo de ser inadequado (BAUMAN, 2009, s/p).

É nesse duplo movimento de queda da rede de proteção social, ocorrida com a passagem do Estado de bem-estar social para a sociedade neoliberal e hiper individualizada, que o processo de desumanização, por meio do medo e da desconfiança, ganha contornos mais robustos e se projeta nas ações individuais e políticas. O processo de desumanização contemporâneo é decorrente do medo moderno. No que lhe concerne, é fundamentado na

desregulamentação da sociedade (BAUMAN, 2009) e no individualismo cada vez fragmentado e atomizado.

O sentimento de ameaça, medo e desconfiança conduz para ataques xenofóbicos e formas de culpabilização do outro, do estrangeiro e do diferente. A resistência para aceitar as novas formas de vida social e a tentativa de preservar os vínculos que a modernidade sólida estabeleceu, criam, da mesma forma, o sentimento de aversão ao diferente. A sociedade projetada como uma fortaleza, se vê agora diante de um perigo iminente, invadida e com valores, tais como, solidariedade, segurança e identidade ameaçados.

Invasão, atualmente, não diz mais respeito as grandes invasões bárbaras contra o Império Romano ou às invasões coloniais no período das grandes navegações. Com invasão, entende-se a presença daquele que não é natural do território, que ali não nasceu ou cresceu, que não estabeleceu sua vida sob os valores daquela região, cidade ou país. A invasão contemporânea é fruto da globalização e diz respeito a imigração de pessoas para os centros globais em busca de oportunidades, empregos e uma vida longe dos conflitos e da miséria. Não se estabelece como uma invasão para a conquista e sim uma invasão por melhores condições de vida. A composição de estrangeiros nas cidades cria um ambiente de aversão, de preocupação e inquietação sobre suas intenções. Se já havia preocupação, desconfiança e competição com o “semelhante”, a aversão ao estrangeiro é agora potencializada, torna-se uma guerra de valores, de culturas, mas sobretudo, uma suposta guerra “econômica” pela sobrevivência. A presença do imigrante na vida urbana concedeu novas inquietações nos habitantes da cidade.

Componente fixo da vida urbana, a onipresença de estrangeiros, tão visíveis e tão próximos, acrescenta uma notável dose de inquietação às aspirações e ocupações dos habitantes da cidade. Essa presença, que só se consegue evitar por um período bastante curto de tempo, é uma fonte inexaurível de ansiedade e agressividade latente – e muitas vezes manifesta (BAUMAN, 2009, s/p).

Desse modo, o medo moderno ganha um novo componente já conhecido das sociedades ocidentais: o medo do desconhecido. Esse medo projetado nas ações individuais, revela que as expulsões dos estrangeiros de ambientes sociais, a retórica contra a imigração e a pressão política para que leis mais rígidas sejam protocoladas sobre o tema, seriam de cunho estritamente econômico, e são, mas revelam também, o temor da integração ao diferente (mixofobia). Mais que a insegurança econômica causada pelos estrangeiros, a insegurança no ambiente da competição por espaços é parte da instabilidade vivenciada hoje. Esses espaços podem se configurar no ambiente de trabalho, no bairro, na área de lazer e nos espaços culturais.

A causa é a mudança econômica da sociedade rumo a atomização do indivíduo que por se sentir deslocado e não se identificar com os valores outrora postos, projeta no estrangeiro a causa de sua frustração e de seu descontentamento. Já a consequência é o fim da era dos direitos e do reconhecimento de todos que pertencem ao gênero humano. É o fim do universalismo.

A distinção entre estrangeiros e autóctones, no processo de falência do Estado de bem-estar, resulta no estabelecimento de medidas para sua separação nos espaços sociais, como o cercamento de determinadas regiões. O processo de delimitação física de um território remete ao século XIX, quando os espanhóis cercavam seus territórios colonizados para conter revoltas e controlar a população. Dito isso, o método de exclusão física do diferente ou daquele que ameaça o *logos* social não é novo na sociedade ocidental moderna, ao contrário, representa parte importante de sua constituição. Esses espaços de concentração negam a autonomia do indivíduo, o segregando do resto do corpo social e impondo-lhe regras de conduta e comportamento.

Para Bauman (2009) as cidades globais são belos exemplos dessa nova forma de constituição do espaço público e urbano. Os guetos formados nas grandes cidades demonstram às duas faces do capitalismo neoliberal. Existem aqueles espaços de extrema segurança, com cercas elétricas, muros extremamente altos e seguranças armados, os “condomínios fechados” - e fechado denomina também sua relação com o mundo exterior - que reúnem as classes mais altas e fazem com que essas não tenham relação com o mundo a sua volta, pois esse é composto pela criminalidade e pela insegurança constante. Entende-se esses espaços como “guetos voluntários”. Os “guetos involuntários”, onde as pessoas ali reunidas não podem sair, seja pela sua condição financeira ou por não serem permitidas, compõem a outra face da sociedade contemporânea. Esses espaços representam a exclusão do outro, daquele visto como ameaça, ou daquele que não pertence a mesma categoria dos que estão no cume da sociedade. A exclusão é também o modo de demarcar fronteiras entre as diferenças, contra supostas ameaças e, principalmente, pelo medo de perder posições sociais e acabar nas mesmas condições precárias do outro e do imigrante.

Definitivamente, ao impor a rápida modernização de lugares muito distantes, o grande mundo do livre mercado, da livre circulação financeira, criou uma enorme quantidade de gente “supérflua”, que perdeu todos os meios de sustento e não pode continuar a viver como seus antepassados. São indivíduos obrigados a deslocar-se, a deixar os lugares onde são considerados refugiados para se transformar em imigrantes econômicos, imigrantes que, em seguida, vão para outra cidade. Mais uma vez são os recursos locais que têm de resolver como acomodá-los.

Eles vêm para a cidade e transformam-se em símbolos dessas misteriosas – e por isso mesmo inquietantes – forças da globalização. Vêm sabe-se lá de onde

e são – como diz Bertold Brecht – “ein Bote des Unglücks”, mensageiros de desventuras. Trazem consigo o horror de guerras distantes, de fome, de escassez, e representam nosso pior pesadelo: o pesadelo de que nós mesmos, em virtude das pressões desse novo e misterioso equilíbrio econômico, possamos perder nossos meios de sobrevivência e nossa posição social. Eles representam a fragilidade e a precariedade da condição humana, e ninguém quer se lembrar dessas coisas horríveis todos os dias, coisas que preferiríamos esquecer. Assim, por inúmeros motivos, os imigrantes tornaram-se os principais portadores das diferenças que nos provocam medo e contra as quais demarcamos fronteiras (BAUMAN, 2009, s/p).

Essa exclusão do outro, do estrangeiro, por meio do segregacionismo espacial, como já apontado, não é sintoma novo na sociedade, é parte de sua estrutura e engenharia social. Primo Levi (1988) discorre sobre a questão da desumanização a partir dos campos de concentração dos regimes fascista e nazista. Os indivíduos podem pensar, conscientemente ou não, que o estrangeiro é um inimigo, no mesmo modelo de Carl Schmitt (2009), e a partir dessa construção, a desumanização torna-se norma. Os campos concentracionários são as medidas extremas contra o estrangeiro e contra o *outro*, representando o ápice da exclusão física dos demais e da retirada de sua humanidade. Na contemporaneidade, os condomínios representam parte da construção dos meios de exclusão física.

Esses condomínios, as gated communities, em que não se pode entrar sem ter sido previamente convidado, que têm guardas armados 24 horas do dia, circuito interno de televisão etc., não passam de um reflexo dos guetos involuntários nos quais os underclass, os refugiados e os recentes imigrantes foram atirados. Os nossos guetos voluntários – sim, voluntários – são resultado da vontade de defender a própria segurança procurando somente a companhia dos semelhantes e afastando os estrangeiros (BAUMAN, 2009, s/p).

Compreende-se que o processo de desumanização na sociedade contemporânea está diretamente ligado com a hiperindividualização provocada pela nova expressão do capitalismo. Aquele indivíduo que esteve outrora sob leis de proteção social e convive agora com a constante ameaça de perder seu emprego ou de não se adequar, projeta na segurança, em todos os seus sentidos, a forma de se proteger dos perigos externos. Seja pelos guetos voluntários ou medidas cada vez mais extremas de segregacionismo espacial e social, é a insegurança que determina a construção do estrangeiro como inimigo e como não humano, desprovido de racionalidade, animalesco, que traz consigo a miséria e usurpa os empregos da população local.

O sentimento de medo e de insegurança corrobora para a afirmação da identidade nacional (BURGIO, 2010), sendo essencialmente excludente devido à afirmação de valores e tradições restritas a um território geograficamente delimitado. Os constantes discursos acerca da afirmação de uma “identidade pura”, que agora é corrompida pelo imigrante, com a ameaça

da vida segura quem vem perdendo espaço, criam formas de desumanização, produzindo medo, raiva e frustração. Desses sentimentos, a procura por culpados é naturalmente exercida e recai para a figura do estrangeiro.

É a própria crise da modernidade expressada no hiperindividualismo, que concebe o medo, a insegurança e a incerteza do futuro, pois esse não pode mais ser previsto, planejado e pensado. É a crise dos valores, da economia e da identidade que traz essa procura pela segurança e pela estabilidade. Desse processo, os estrangeiros são os mais afetados, tendo que sair de seus países ou cidades pelos mesmos motivos e ao chegar em território desconhecido são malvistas, mal-encarados e representados como uma ameaça à sociedade e causa de suas crises. São os estrangeiros e imigrantes os desumanizados. Os que procurando construir uma nova vida são desprovidos de viver.

Considerações finais

A partir da reflexão sobre o processo de hiperindividualização causado pela queda do Estado de bem-estar social e sua relação com a desumanização do estrangeiro, buscou-se trazer para o centro da discussão a questão do medo, da insegurança e da delimitação do espaço para proteção. Mesmo que todos esses aspectos tenham estado presentes na sociedade moderna desde sua gênese, é na sociedade contemporânea que ganham novos contornos e se estabelecem como norma para, supostamente, estabelecer uma nova ordem das coisas.

Essa nova ordem criada resulta no estabelecimento de diferentes espaços delimitados de modo a segregar os grupos, que vistos como inimigos ou potencialmente perigosos, são desumanizados, na medida em que não são vistos como pertencentes ao gênero humano. Se no século XIX os campos concentracionários eram tidos como método extremo e emergencial para conter revoltas, na contemporaneidade se estabeleceram como norma para a segurança social, se desenvolvem tendo em vista a organização de um espaço público e urbano condescendente.

Entretanto, é nesse modo de arranjar a sociedade, por meio de atitudes segregacionistas, que a construção do outro como não-humano pode ser naturalizada no imaginário popular e existindo essa forma de pensar, a falência não é somente da proteção social, da solidariedade e das formas de convivência, mas também da universalidade e do gênero humano. A hierarquia na sociedade contemporânea, entre autóctones e estrangeiros, cidadãos de primeira e segunda classe, estabelece preceitos para que os horrores do passado voltem a acontecer no presente, *vide* a segregação dos espaços urbanos, a divisão entre amigos e inimigos construída a partir de

uma identidade nacional e a *mixofobia*. São essas questões que configuram o dilema da sociedade contemporânea.

Para além dessas questões, o fim da política também é decretado na medida em que as ordenações societárias não mais se orientarão pela cooperação, mas sim pela competição e pelo medo constante. O indivíduo atomizado e sem compromisso social e o indivíduo desumanizado representam a falência da democracia, da política e da justiça social. Se por um lado há aquele sem vínculos sociais e que enxerga na coletividade uma limitação para suas satisfações, por outro há aquele que buscando melhores condições de vida, é levado a uma posição inferior dos demais, tendo seus direitos e sua humanidade retirados. Ambos são derivados do esvaziamento da coletividade e da solidariedade, e com isso, a própria ideia de sociedade deixa de fazer sentido.

Diante disso, pode-se concluir que a sociedade contemporânea, calcada na liberdade negativa e produtora da normatividade da desumanização, não representa progresso humano, mas sim retrocesso. Tal termo não se refere a condições de tecnologia, arte ou conhecimento, é relativo ao arranjo societário que se aproxima mais de uma guerra de todos contra todos, do que a uma organização social estável e cooperativa. Retrocesso, como colocado, diz respeito ao fim do consenso político inclusivo emancipatório universal e na guerra como método para a resolução de conflitos sociais.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BERLIN, I. **Quanto ensaios sobre a liberdade**. Brasília, DF: Editora UNB, 1958.

BURGIO, A. **Nonostante Auschwitz**. Il “ritorno” del razzismo in Europa. DeriveApprodi, 2010.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

LEVI, P. **É isto um homem?** Trad. Luigi Dei Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

ROSA, H. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SCHMITT, C. **O conceito do político**. Belo Horizonte, MG: Delrey, 2009.

Como referenciar este artigo

SLEMAN, T. J. O processo de desumanização contemporâneo e sua relação com a hiperindividualização. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 10, n. 00, e021014, jan./dez. 2021. e-ISSN: 2358-4238. DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v10i00.15724>

Submetido em: 20/09/2021

Revisões requeridas: 15/10/2021

Aprovado em: 19/11/2021

Publicado em: 29/12/2021